



CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DAS PLANTAÇÕES DE EUCALIPTO NO MARANHÃO

Scarleth Karolyne Vieira Leitão – scarleth_vieira06@outlook.com

Faculdade Pitágoras de São Luís/MA
Rua Doutor José Murta, nº 550, Bairro: Alemanha
65036190 – São Luís – Maranhão

Marilena Chaves Silva – marilennachaves@gmail.com

Faculdade Pitágoras de São Luís/MA

Paloma Daycy Mendes Silva – palomadacy@hotmail.com

Faculdade Pitágoras de São Luís/MA

Ana Valéria Pires Muniz – a.valeriapires@hotmail.com

Faculdade Pitágoras de São Luís/MA

Mariana dos Santos Nascimento – mariananascimento03@hotmail.com

Faculdade Pitágoras de São Luís/MA

Resumo: *A implantação de projetos florestais voltados para a cultura de eucalipto no Estado do Maranhão é apresentada como eixo de diversos problemas socioambientais. A introdução de extensas florestas de eucalipto nas mesorregiões maranhenses traz ao cotidiano de seus habitantes mudanças imensuráveis, como êxodo do rural, conflitos devido à resistência pela permanência nas áreas destinadas ou próximas às plantações da árvore, posse indevida, restrição da utilização das terras à cultura de pequeno porte e às criações de animais, bem como a extração de matéria-prima da natureza necessária à obtenção de outro tipo de renda, como a coleta de frutas típicas de cada região e o artesanato. Sendo assim, para essa perspectiva, o presente trabalho se propõe analisar os impactos socioambientais provocados pelas atividades da plantação do eucalipto. Caracterizando o processo de transformações que tem atingido a economia e a organização social desses seguimentos.*

Palavras-chave: *Eucalipto, Silvicultura, Impactos socioambientais.*



ENVIRONMENTAL CHARACTERIZATION OF PLANTATION IN EUCALYPTUS MARANHÃO

Abstract: *The implementation of forest projects for eucalyptus cultivation in the state of Maranhão, is presented as the axis of several social and environmental problems. The introduction of extensive eucalyptus forests in Maranhão mesoregions brings the daily life of its inhabitants immeasurable changes, such as the rural exodus, conflicts due to resistance by staying in areas intended or next to tree plantations, misappropriation, restricting the use of land to small culture and animal breeding, as well as the extraction of raw materials from nature necessary to obtain other types of income, such as collecting fruits typical of each region and crafts. So to this perspective, this study aims to analyze the social and environmental impacts caused by the activities of eucalyptus plantation. Featuring the process of change that has hit the economy and the social organization of these segments.*

Keywords: *Eucalyptus, Forestry, Environmental impacts*

1. INTRODUÇÃO

Ao pensar em árvore de crescimento rápido como alternativa de conservação da mata nativa e produção em massa de madeira, a espécie *Eucalyptus* se apresenta como uma das mais significativas, não somente por sua adaptação aos diversos ambientes, mas também, pela grande capacidade produtiva, possibilitando assim atender às exigências tecnológicas dos diferentes segmentos da produção industrial. (MIRANDA, 2012).

Dessa maneira, foi descoberto que o Brasil é um país que possui condições de solo e clima apropriado à implantação de florestas de eucalipto. Sendo assim, demonstra resultados bem favoráveis, com ciclos do desenvolvimento das plantações entre 6 e 7 anos, bem diferente dos países como Austrália, cujo o ciclo se desenvolve em 60 anos, podendo chegar até 80 anos. Por isso, justificou-se o aumento tão grande dessa silvicultura no país. (BERTOLA, 2010).

Como explanado anteriormente, no Brasil o eucalipto destacou-se pelo seu caráter estratégico, de rápido desenvolvimento, uma vez que a expansão de seu domínio é responsável pelo abastecimento da maior parte do setor industrial de base florestal. Com isso, esta expansão se espalhou em várias regiões do Brasil, com destaque para a região nordeste, mais precisamente no Estado do Maranhão. (SOUZA, 2013).

No Maranhão, o crescimento acelerado das implantações de florestas de eucalipto se intensificou devido ao baixo preço das terras e grande diversidade de áreas cultiváveis. Porém, essa expansão trouxe diversos problemas socioambientais às regiões onde foram introduzidas. (SOUZA, 2013).

Diante disso, pode-se verificar que há muito tempo já se discute esse tema. Para Lima (1993), a controvérsia sobre o eucalipto está longe de ser resolvida, a questão dos efeitos ambientais das plantações de eucaliptos parece, hoje, tão indefinida quanto à própria origem dessas especulações. Muito debatido há algumas décadas o assunto parecia, presentemente, ser considerado apenas produto de especulações do passado, talvez indigno de ser discutido nos meios acadêmicos. Todavia, as dúvidas ainda persistem em diversos países, e a controvérsia do eucalipto está longe de ser resolvida.

Dessa maneira, Mosca (2008), relata sobre o grande crescimento do setor florestal, aliado aos efeitos ambientais aparentemente gerados por sua expansão, uma vez que não se trata de empacar uma propaganda em torno do desenvolvimento econômico impulsionado pelo setor florestal, nem tão pouco da denúncia pela exposição dos impactos socioambientais, que realmente podem acontecer, associados a práticas inadequadas de manejo, com ausência de planejamento sustentável do uso e ocupação das terras. Antes, pretende-se agregar subsídios técnico-científicos para que os tomadores de



decisão, as comunidades locais e os diversos atores sociais envolvidos sejam estimulados a compreender, refletir e agir.

2. OBJETIVO

Analisar os impactos socioambientais provocados pelas atividades da plantação do eucalipto. Caracterizando o processo de transformações que tem atingido a economia e a organização social desses seguimentos.

3. METODOLOGIA

O levantamento bibliográfico ocorreu no período de setembro de 2015 a fevereiro de 2016. A coleta de dados foi realizada principalmente mediante os estudos e interpretação de trabalhos relacionados ao assunto, que foram convertidos em conhecimentos básicos para a escrita desse projeto.

Foi usada para a realização deste trabalho uma pesquisa descritiva na qual descreve as características de determinados assuntos ou fenômenos. Para tanto, utilizou-se livros, artigos científicos, monografias, dissertações, teses, revistas e websites especializados no assunto. Além de adotar referenciais técnicos (tabelas) que demonstram o crescimento da plantação de eucalipto no Brasil.

Para a localização das áreas geográficas destinadas às plantações de eucalipto no Brasil e no Maranhão, foram utilizados como referenciais dados oficiais da SNIF (Sistema Nacional de Informações Florestais) obtidos pelo IBGE e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e IBÁ (Instituto Brasileiro de Árvores).

4. RESULTADO

Segundo o SNIF (2015) o setor florestal brasileiro tem aumentado consideravelmente em proporção industrial nos últimos anos. Através disso, o crescimento de alguns ramos desse âmbito também tem sido considerável, como a silvicultura do eucalipto, por exemplo.

A evolução das implantações de projetos florestais tem acontecido de maneira rápida e com padrões tecnológicos não vistos antes. Os investimentos para essas introduções florestais cada vez mais tem se tornado importantes para o setor florestal, visto que elas têm se tornado grandes potenciais econômicos tanto nacional como internacionalmente para esse ramo industrial (IBÁ, 2015).

Em vista disso, cada vez mais investidores se propõem a explorar regiões diferentes do país, com características distintas de vegetação e de clima muitas vezes, das que as várias espécies de árvores utilizadas nas implantações são nativas. Para tanto, compram terras abaixo do valor especulado ou que realmente valeria na maior parte do país, alegando muitas vezes que as terras, por serem devolutas, não pertencem aos moradores que vivem nelas há gerações e, conseguindo, quando não há resistência, a compra (BOTELHO et al., 2012).

Sendo assim, abaixo são apresentadas informações referentes ao setor florestal brasileiro e estadual, voltado para o ramo da silvicultura do eucalipto.

Tabela 01- Área de Florestas de Eucalipto Plantada (ha) por ano.

Área de Florestas de Eucalipto Plantada (ha) por ano								
2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
3.862.546	4.078.168	4.456.069	4.658.924	4.900.949	5.049.714	5.304.164	5.473.177	5.558.653

Fonte: SNIF- IBÁ (2015)

A tabela 1 mostra a evolução das implantações de plantações de eucalipto de 2014 a 2016. Segundo dados do site oficial SNIF obtidos pelo IBA, atualizados em novembro de 2015. As



áreas de florestas de eucalipto em 2006 era 3.862.546 há em 2014 subiu para 6.951.145 um aumento de 45% em apenas 5 anos.

Tabela 02 – Floresta Plantada de Eucalipto no Brasil em 2014.

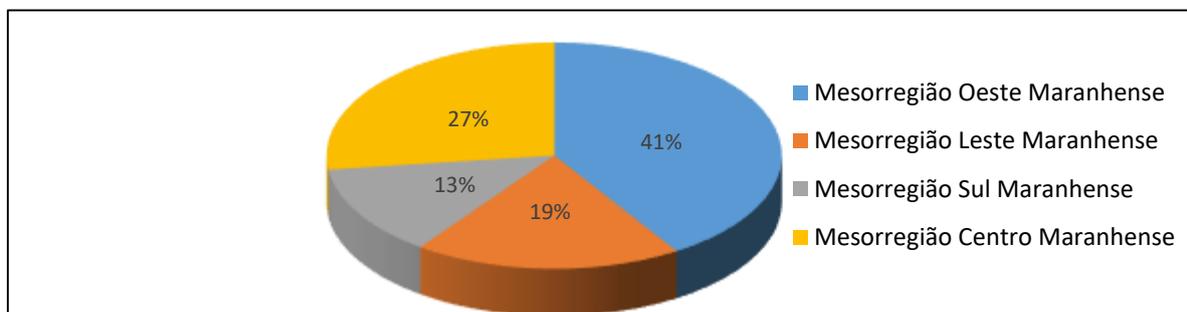
ORDEM	ESTADO	ÁREA DA FLORESTA(ha)
1º	Minas Gerais	1.713.576
2º	São Paulo	870.776
3º	Mato Grosso do Sul	886.381
4º	Paraná	687.635
5º	Rio Grande do Sul	678.956
6º	Bahia	540.648
7º	Santa Catarina	368.485
8º	Espírito Santo	247.871
9º	Mato Grosso	212.815
10º	Maranhão	207.448
11º	Pará	164.139
12º	Tocantins	134.352
13º	Goiás	117.051
14º	Piauí	37.630
15º	Rio de Janeiro	36.870
16º	Amapá	34.885
		TOTAL: 6.951.145

Fonte: SNIF – IBGE (2015)

A tabela 02 traz as áreas das plantações de Eucalipto presentes em dezesseis estados brasileiros, a partir dos dados pode-se notar que essas plantações ocupam uma grande área terrestre ao longo de todo o país. Segundo Ribeiro et al, o Estado busca na industrialização um meio para se atingir o desenvolvimento e a modernidade, dessa maneira as práticas e os discursos utilizados têm como objetivo a superação de um atraso socioeconômico através das dinâmicas industriais.

Seguindo esse pressuposto a Indústria de Papel e Celulose vem buscando se firmar cada vez mais nessa dinâmica industrial, a partir disso, pode-se explicar o crescente número de plantações de eucalipto presentes em cada Estado do Brasil. O Maranhão não foge dessa regra imposta pelo desenvolvimento a partir do modelo econômico vigente, ao analisarmos a tabela, podemos observar que o Estado ocupa uma posição considerada razoável e que possui uma grande área já possuída por essas grandes florestas de eucalipto. Essa realidade, segundo Ribeiro Junior et al.(2014), se concretizou a partir de iniciativas desenvolvimentistas e modernizantes do governo e também de iniciativas privadas.

Gráfico 1: Quantidade da Plantações de Eucalipto em Hectares nas Mesorregiões Maranhenses



Fonte: SIDRA- IBGE (2014)



A concentração de plantações de eucalipto no Maranhão apresentada acima, demonstra o quantitativo de áreas em hectares que são utilizadas para o cultivo da árvore no Estado.

Mediante a esta apresentação, pode ser verificado que a área territorial total maranhense, que segundo IBGE (2015) é de 331.936,948 Km², em comparação com a área total ocupada por plantações de eucalipto no Estado, que é de 207.459 ha (2.074,59 Km²), tem em porção territorial, um total de 0.0006% de terras cultivadas com a espécie. Deste percentual, entre as mesorregiões maranhenses, há a seguinte divisão em áreas ocupadas por plantações da árvore: 41% na Mesorregião Oeste Maranhense; 27% na Mesorregião Centro Maranhense; 19% na Mesorregião Leste Maranhense e 13% na Mesorregião Sul Maranhense.

4.1 Caracterização geográfica e localização das áreas de implantação dos eucaliptais no Maranhão

Atraídas pelo baixo preço das terras maranhenses e pela localização geográfica próxima à linha do Equador, devido a maior quantidade de raios solares recebidos, muitas empresas do ramo da silvicultura instalaram-se no Maranhão, dividindo suas implantações de projetos florestais entre as mesorregiões estaduais. (SOUSA, 2013)

Em vista disso, segundo o IBGE (2014), 41% das plantações de eucalipto esta localizadas na Mesorregião Oeste Maranhense sendo a maior entre as mesorregiões, compreendendo os municípios de Açailândia, Itinga do Maranhão, Governador Edson Lobão, Bom Jardim, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu, Cidelândia, Imperatriz, São Francisco do Brejo, Vila Nova dos Martírios e São Pedro da Água Branca. Isso se dá devido essa região ser conhecida como Pré-amazônica, já que possui características de clima e vegetação iguais aos da Amazônia. As principais atividades econômicas realizadas são a extração de madeira, pecuária e o cultivo de produtos alimentares.

Na Mesorregião Sul Maranhense, as plantações de eucalipto estão estabelecidas nas cidades de Porto Franco, Alto Parnaíba, Carolina, São Raimundo das Mangabeiras e Balsas, onde há extrema junção da silvicultura com a pecuária entre as plantações. Possui características predominantes do bioma cerrado e tem como principal atividade econômica a pecuária bovina. (NASCIMENTO, 2001)

As plantações estabelecidas na Mesorregião Leste Maranhense estão localizadas principalmente nas cidades Urbano Santos, Santa Quitéria, Anapurus e Chapadinha. As características de cerrado na região propiciam a várias comunidades obter renda a partir da colheita e aproveitamento do bacuri. Outras atividades econômicas existentes no Baixo Parnaíba são a extração de coco babaçu, a madeira em tora e lenha na natureza. (NASCIMENTO, 2001)

Na Mesorregião Norte e Centro Maranhense, o maior potencial de silvicultura está localizado através das plantações nas cidades de Itapecuru-Mirim e Grajaú, respectivamente. Tendo como características o clima tropical úmido, litoral, meio-norte e baixada, possuem atividades econômicas voltadas para o cultivo de arroz, mandioca, a pesca e a pecuária, destacando a criação de búfalos no Norte; enquanto que no Centro é o cultivo de arroz, milho e feijão, além do extrativismo de babaçu e a pecuária dos bovinos (NASCIMENTO, 2001).

4.2 Impactos Socioambientais do Processo de Territorialização das Plantações de Eucalipto no Maranhão

Segundo Barbosa (2013) a cultura do eucalipto no Maranhão, se inicia nos anos 1980, principalmente nas cidades de Açailândia e Imperatriz (Pré-Amazônia maranhense), como fonte de produção de carvão vegetal, para alimentar as fábricas que produzem ferro gusa e celulose.

No Maranhão há uma grande diversidade de áreas cultiváveis, cada uma delas possui características específicas. Cujos traços principais são a articulação entre agricultura, extrativismo, artesanato, pesca e pequena criação de animais. (BOTELHO, 2012)



Grande parte da população que vivem nessas áreas utiliza-se da terra para garantir o sustento de sua família, para isso desenvolvem várias técnicas, como a agricultura, por exemplo. É utilizada na maioria dos casos, como uma cultura de subsistência, por isso, se planta arroz, mandioca, milho, e outras plantas que servem para o consumo familiar e, em alguns casos, para a comercialização. Todas essas atividades juntas garantem a essas famílias o seu sustento e lhes trazem a garantia de que nunca irá faltar no que se trabalhar, pois, a terra proporciona o alimento e o trabalho para manter uma vida digna. (BOTELHO, 2012)

Porém, nos últimos anos as mesorregiões maranhenses tem sido alvo de transformações nas propriedades agrárias devido ao crescimento da plantação de eucalipto. Empresas de grande porte se instalam na localidade com o objetivo de expandir a eucaliptocultura no estado. No entanto, observam-se grandes problemas no meio físico, biológico e socioeconômico, além de impactos e riscos ambientais. Essas florestas plantadas têm gerado grandes questionamentos, no que diz respeito ao manejo, e principalmente a formação de monoculturas externas. Além disso, essas atividades intensivas da eucaliptocultura compete com a agricultura de sobrevivência, reduzindo as oportunidades de trabalho e aumentando o êxodo rural, que será mais exemplificado adiante. (RIBEIRO JÚNIOR, 2014).

4.3 Êxodo rural

O aumento da ocupação da agricultura moderna distancia os limites entre produtores rurais e empresários desse novo setor, BALSAN, (2006) afirma que pensar sobre as tendências do “novo mundo rural” requer que se volte o olhar para esta realidade que, ao mesmo tempo em que tem colocado uma classe da sociedade com o que há de mais moderno na agricultura e pecuária, contraditoriamente, deixa outra, como os agricultores familiares, ou seja, a maioria dos produtores rurais, cada vez mais distantes de tais inovações. É esta categoria que se apresenta cada vez mais próxima do limite de sobrevivência que, atualmente, tem merecido maior preocupação por parte das políticas governamentais, tendo em vista o desenvolvimento local sustentável no contexto de um “novo mundo rural”. Entretanto, é uma utopia buscar o desenvolvimento local sustentável quando refletimos sobre a ideia de que muitos agricultores familiares são privados até mesmo das condições dignas de sobrevivência.

Esta realidade é crescente na maioria das mesorregiões maranhense, de um lado um campo rico e do outro se observa extrema pobreza. Caracterizando assim, um enorme contingente de trabalhadores sem expectativa de emprego, que devido ao processo de modernização, não conseguem se adequar ao novo padrão da agricultura. Caracterizando assim o aumento do êxodo rural (FEITOSA, 2013).

Diante disso, a justificativa para o elevado índice de êxodo rural no maranhão, é observado devido pressões das empresas com o projeto floresta de eucalipto. Que obriga trabalhadores rurais a vender suas terras e morar nas cidades tornando-se um exilado em seu lugar de origem, ou seja, um sem-terra. E tudo o que ele sabe fazer passa a não valer nada, e o mesmo é obrigado a adaptar-se a uma nova forma de vida, em novas moradias (BOTELHO, 2012).

Conseqüentemente a inserção desses novos trabalhadores nos setores urbanos, causam um elevado os índices de criminalidade, mendicância, prostituição, desemprego, fome, entre outros, devido à falta de qualificação para se inserir no mundo urbano. Ocasionalmente assim diversos problemas socioambientais, devido ao processo de implantação das florestas de eucalipto (MIRANDA, 2012).

4.4 A permanência dos trabalhadores e seus conflitos

Viana (2012) explica que a permanência dos moradores na zona de implantação das florestas de eucaliptos, gera diversos problemas, um dos mais significativos é o desemprego em larga



escala. O autor alega que o plantio de eucalipto reduz a mão-de-obra no campo, visto que o número de empregos gerados no reflorestamento por eucalipto é de cerca de um para cada quinze hectares plantados, enquanto que a mesma área de quinze hectares cultivada com plantios tradicionais (mandioca, café, feijão, milho, banana, etc.) gera trinta empregos. Portanto, a substituição de trinta mil hectares de cultivos tradicionais por eucalipto significa empregos para apenas dois mil trabalhadores contra o desemprego de 58.000 trabalhadores rurais, caso se utilize a mesma gleba para o plantio tradicional.

Deste modo, além de gerarem pouquíssimos empregos, as empresas que atuam na região, oferecem trabalhos insalubres, segundo os funcionários das referidas empresas, os mesmos enfrentam problemas, dentre os quais baixos salários, exaustiva jornada de trabalho, chegando a trabalhar por 12 horas sem receber “hora extra” e ainda são obrigados a aplicarem veneno nas plantações sem os equipamentos obrigatórios resultando em graves problemas de saúde. (BOTELHO et al, 2012)

Esse modelo de desenvolvimento, que se utiliza dessas terras para plantações de eucalipto, também traz grandes impactos ambientais. Para que essas plantações sejam introduzidas, grandes áreas de florestas nativas estão sendo dizimadas. Os animais que se abrigavam ali são desabrigados, e muitos não conseguem se adaptar e acabam morrendo. Sendo assim, há prejuízo para a flora e fauna locais. (BOTELHO, 2012)

As mesorregiões maranhenses são cada dia ocupadas por grandes bosques de eucalipto, e antes onde era encontrada grande biodiversidade, agora não é visto mais nada. As plantas nativas não existem mais, assim também como os animais. O solo que antes era rico, e servia para a plantação de variadas plantas, torna-se cada vez mais pobre e fraco como as inúmeras monoculturas de plantas de eucalipto.

São comoventes as descrições dos trabalhadores, ao narrarem o desmatamento promovido através do chamado correntão, uma corrente de várias toneladas, presa em dois tratores de esteira, [...] derruba as árvores, destruindo e removendo suas raízes. [...] Ainda mais impressionante são os relatos de como o correntão carrega, junto com as árvores e animais, as cruzes dos cemitérios, incomodando com seu estrondo destruidor até mesmo os mortos, nos locais em que repousavam há muitas e muitas gerações. (PAULA ANDRADE, 2008, p.123, Grifo de BOTELHO et al, 2012).

Portanto, BARBOSA E ALMEIDA (2013), destaca que a implantação desse tipo de empreendimento, que dá lugar a imensas áreas verdes de eucaliptos, é seguida da exploração da força de trabalho de grande contingente de trabalhadores com baixa qualificação e que acabam por se submeter a uma realidade degradante de trabalho, muitas vezes análoga à escravidão.

Um exemplo desta situação é mostrado por SOUZA (2013), que destaca a implantação das florestas de eucalipto, onde trabalhadores por não ter para onde ir, são cercados de imensas áreas verdes de eucalipto.

A comunidade de Tabocas, próxima a Mundé, também no Polo Coceira, encontra-se igualmente cercada de eucalipto. A empresa deixou apenas 12 hectares para a comunidade fazer roça, e esta perdeu mais da metade das árvores de bacuri, pequi e outras espécies importantes para si. O morador entrevistado lamenta não ter conseguido o apoio da comunidade para evitar o desmatamento. (SOUZA, 2011, p.10)

Segundo Souza (2013), os moradores do Baixo Parnaíba através de seus costumes e sua cultura propiciam a adubação e o enriquecimento do solo, através do nascimento dos bebês da região, que tem o seu cordão umbilical enterrado no solo, e também ao enterrarem os corpos de seus mortos nos cemitérios, cemitérios esses que são praticamente plantados com eucalipto.

4.5 Impacto ao meio ambiente

A enorme busca pelo desenvolvimento deixa inerte os diversos problemas que esse crescimento proporciona. MAY (2010) busca discutir a importância de se entender a economia ambiental, e a preocupação constante em preservar os recursos naturais. Desse modo, ressalta a



influência da agricultura moderna, e seus impactos. O autor cita que a agricultura é totalmente dependente dos limites naturais, os quais não podem ser facilmente controlados. A substituição desse ecossistema complexo diversificado- particularmente nas regiões tropicais – por sistemas produtivos extremamente simplificados- como são as monoculturas- provocou uma série de impactos econômicos e ambientais.

Os impactos socioambientais ocorrem a partir da implantação da cultura de eucalipto e podem ser exemplificados a partir da análise de VIANA (2012), que em síntese, os efeitos ambientais adversos do plantio de eucalipto mais ressaltados por aqueles que se posicionam contrariamente a ele são: a retirada de água do solo, tornando o balanço hídrico deficitário, com o rebaixamento do lençol freático e até o secamento de nascentes; o empobrecimento de nutrientes no solo, bem como seu ressecamento; a desertificação de amplas áreas, pelos efeitos alopáticos sobre outras formas de vegetação e a consequente extinção da fauna; a ocupação de extensas glebas de terra, que poderiam estar produzindo alimentos; a criação de empregos apenas durante a implantação do plantio, mesmo assim para mão-de-obra desqualificada, com baixos salários, e o estímulo ao êxodo rural e o consequente inchaço das metrópoles.

Segundo Miranda (2012), a desertificação do solo também é ocasionada pela oscilação da cobertura vegetal, além da contaminação dos corpos hídricos e do solo em consequência de aplicações de pesticidas para evitar a ação de insetos e de espécies de capins, o que segundo depoimento de alguns funcionários das empresas subsidiárias, são realizadas de maneira inadequada, sem o uso de equipamentos obrigatórios de segurança. O soterramento de veredas e grotas são outros impactos que merecem destaque em função de práticas equivocadas de cultivo, o que ocasiona desequilíbrio no consumo de água pelo eucalipto.

Portanto, é visível que a silvicultura do eucalipto acarreta ao meio ambiente e à população residente nas áreas utilizadas para este fim, problemas sérios, que precisam ser avaliados para se encontrar soluções plausíveis a cada um deles, visto que assim como está, este modelo de desenvolvimento não é viável, pois só beneficia as partes interessadas e que representa a minoria em comparação às partes afetadas. (BOTELHO, 2012).

5. CONCLUSÃO

Nessa pesquisa foram apresentados dados e situações relacionados ao cultivo de eucalipto para diversos fins no Estado do Maranhão, sendo os principais a extração de madeira para alimentar fornos siderúrgicos e para a produção de papel.

Contudo, a influência que a introdução de “eucaliptais” nas mesorregiões maranhenses traz à vida de seus habitantes, principalmente das zonas rurais, é impactante à qualidade de vida. A princípio pode-se pensar em impactos positivos, justamente pela imagem que é apresentada à população, entretanto, quando passam a conviver com a realidade, como terras tomadas ou compradas a baixo custo, começam a sentir as interferências negativas, além de perderem sua cultura.

A partir do desmascaramento, começam uma série de situações desagradáveis para a população dessas regiões, visto que as empresas passam a não tratá-las mais como contribuintes – o que nunca foram –, para tratá-las explicitamente como empecilhos à implantação de seus projetos florestais, o que ocasiona os conflitos por parte das populações e, na maioria das vezes, êxodo rural e extenso impacto ambiental.

Sendo assim, há real interesse em trazer ajuda às comunidades? Qual o valor da destruição da forma de vida das famílias dessas regiões? O progresso de poucos pode tirar o pouco de muitos? Para todas estas indagações existem respostas negativas, justo por que nenhum interesse egoísta pode se sobrepôr aos interesses sociais, àqueles que aos poucos vão formando a opinião da massa nacional, e que é assegurada pela Constituição de 1988, que diz que todos têm direito a um lar, à liberdade, à vida. Contudo, é de conhecimento de todos que não é bem assim que funciona, e, ter direitos usurpados por quem tem poder, já se tornou comum.



6. RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se que haja uma melhoria nas áreas das mesorregiões onde há introdução de plantações de eucalipto, é que as políticas para as implantações de projetos florestais de “eucaliptais” sejam mais rígidas, e que beneficiem a população que lá habita.

REFERÊNCIAS

BALSAN, Rosane. Impactos Decorrente da modernização da agricultura brasileira Campo- território: revista de geografia agrárias, Urbelândia, v.1,n.2,p.123-151, agosto 2006.< <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11787/8293>> Acessado em:10/03/2016

BARBOSA, Z. M; ALMEIDA, D. L. Banco de dados e hipermídia. In: ANAIS DO V SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA “REVOLUÇÕES NAS AMÉRICAS: PASSADO, PRESENTE E FUTURO”, 2013, Londrina. Anais eletrônicos... Londrina: UEL, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_v_GT4.html > Acessado em: 22/03/2016.

BERTOLA, A. Eucalipto- 100 anos Brasil: “Falem mal, mas continuem falando de mim!”. V&M Florestal Ltda, Curvelo - MG, 91 p. 2013.Disponível em:< http://www.celsofoelkel.com.br/artigos/outros/Eucalipto_100%20anos%20de%20Brasil_Alexandre_Bertola.pdf >Acessado em: 10/03/2016.

BOTELHO, A.C.; ALMEIDA, J.G.; FERREIRA. M. da. G.R. O avanço dos “Eucaliptais”: análise dos impactos socioambientais em territórios camponeses no leste maranhense. Revista Percuso-Nemo, Marengá, v.4,n.2,p.79-94.2012. < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/17776>> acessado em :05/12/2015

FEITOSA, A. de C. Conflitos decorrentes da relações de trabalho: O domínio das chamadas firmas no Leste maranhense. VI JORNADA INTERNACIONAL DE POLITICAS PÚBLICAS, 2013, São Luís-Maranhão: UFMA,2013 < <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo2-transformacoesnomundodotrabalho/conflitosdecoentesdasrelacoesdetrabalho.pdf>> Acessado 24/02/2916

LIMA, W. de P. Impacto ambiental do eucalipto.1. ed. São Paulo: Edusp, 1993.

MIRANDA, Syderlan Bezerra. Banco de dados e hipermídia. In : XXI ECONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2012, Minas Gerais. Anais eletrônicos... Minas Gerais: UFU, 2012. Disponível em: < http://www.laea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1213_1.pdf> Acesso em: 10 mar.2016.

MOSCA, A.A.O. Avaliação dos impactos ambientais de plantação de Eucalipto no Cerrado com base na análise comparativa do Ciclo Hidrológico e da sustentabilidade da paisagem em duas bacias de segunda ordem. Tese (Doutorado – Programa de Pós- Graduação em Geografia Física. Área de concentração; Geografia Física). Universidade São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-19122008-095822/pt-br.php> >Acessado em: 01/03/2016

RIBEIRO JÚNIOR, J. A.; OLIVEIRA, D. M. V.; COSTA, S. B. Desenvolvimento, conflitos e impactos ambientais: a territorialização da Suzano e a resistência camponesa na mesorregião Leste



Maranhense. *Geographia Opportuno Tempore*. v.1, n.2, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/17887>> Acessado em: 23/03/2016.

SOUZA, I. G. De; OVERBEEK, W. Plantações de eucalipto para energia: O caso da Suzano no Baixo Parnaíba, Maranhão, Brasil. World Rainforest Movement, Montevideo, 7 nov. 2013. Disponível em: <<http://wrm.org.uy/pt/livros-e-relatorios/plantacoes-de-eucalipto-para-energia-o-caso-da-suzano-no-baixo-parnaiba-maranhao-brasil/>> Acessado em: 22/03/2016 – 20:03.

TADEU, N.D. Avaliação dos impactos hídricos da monocultura de eucalipto no trecho paulista da bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (Brasil). Dissertação (Pós- Graduação em Ciência Ambiental (PROCAN). Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/16743/9784>> Acessado em: 01/03/2016.

VIANA, M. B. O eucalipto e os efeitos ambientais do seu plantio em escala. Câmara dos Deputados, Brasília, 2004. Disponível em: < <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/1162>> Acessado em: 22/03/2016.

VITAL, M.H.F. Impacto Ambiental de Florestas de Eucalipto. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v.14, n. 28, p. 235-276, dez.2007. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev2808.pdf> Acessado em: 05/03/2016